

A BRUXA

UMA REVISTA DE BIOLOGIA CULTURAL

www.revistaabruxa.com

ISSN 2594-8245

Volume 8

março 2024



3

Graça, P.K.C. & Da-Silva, E.R. 2024. O potencial didático da tradição da Páscoa como recurso para o ensino de Ciências: os entregadores de ovos **A Bruxa 8(3): 47-68.**



O potencial didático da tradição da Páscoa como recurso para o ensino de Ciências: os entregadores de ovos

Phillipe Knippel do Carmo Graça^{1*} & Elidiomar Ribeiro Da-Silva²

1- Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), Serra Talhada, PE, Brasil

2- Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, Departamento de Zoologia,
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

*lpekgraca@gmail.com

Resumo

É possível reconhecer uma evolução na formação e experimentação de novas metodologias de ensino na tentativa de modificar a rotina das aulas, marcadas pelo tradicional e maçante processo passivo de transmissão-recepção do conhecimento. Diante desse contexto, Ciências e Biologia podem fazer uso de uma festa religiosa como instrumento de motivação dos educandos ao estudo dos seres vivos ou, no caso da zoologia, dos animais. A Páscoa é uma festividade religiosa e um feriado cristão em que se celebra a ressurreição de Jesus Cristo. Pessoas em todo o mundo se reúnem para essa notória celebração, que inclui diversos costumes pascais bastante variados entre os cristãos e não cristãos do mundo inteiro. Como a troca de ovos de Páscoa, que consiste em trocar/encontrar ovos escondidos por um mítico representante da família Leporidae (Lagomorpha), o famoso Coelho da Páscoa. Curiosamente, e de pouco conhecimento do público, não só o coelho é responsável lendário pela entrega dos ovos de Páscoa. Tais delícias de chocolate nessa época são entregues ao redor do mundo por diferentes animais, como aves com nome de relógio, marsupiais de focinho comprido e outros. O presente estudo demonstrou que a correlação entre uma notória festividade religiosa e os seres vivos, se bem explorada, pode possibilitar enormes ganhos para o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: ovos de Páscoa; popularização da ciência; seres vivos; zoologia cultural.

Abstract

The didactic potential of the Easter tradition as a resource for science teaching: egg deliverers

It is possible to recognize an evolution in the formation and experimentation of new teaching methodologies, in an attempt to modify the routine of classes, marked by the traditional and boring passive process of transmission-reception of knowledge. Given this context, Science/Biology can make use of a religious festival as an instrument to motivate students to study living beings or, in the case of zoology, animals. Easter is a religious festival and a Christian holiday celebrating the resurrection of Jesus Christ. People all over the world gather for this notorious celebration, which includes several Easter customs that are quite varied among Christians and non-Christians around the world, such as the exchange of Easter eggs, which consists of finding eggs hidden by a mythical representative of the family Leporidae (Lagomorpha), the famous Easter Bunny. Interestingly, and little known to the public, not only the rabbit is responsible for delivering the Easter eggs. Such chocolate delights at this time are delivered around the world by different animals like clock-named birds, long-nosed marsupials, and others. The present study demonstrated that the correlation between a notorious religious festivity and living beings if well explored, allows enormous gains for the teaching-learning process.

Keywords: cultural zoology; Easter eggs; living beings; science dissemination.



Introdução

Embora a sala de aula, um espaço favorável à construção do conhecimento na sociedade, não tenha se modificado expressivamente ao longo do tempo, podemos notar que existe certa evolução na formação e experimentação de novas metodologias de ensino, na tentativa de modificar a rotina de uma estrutura marcada historicamente pelo processo passivo de memorização e transferência do conhecimento. Tal processo torna o conteúdo tedioso e cansativo, pois não há ligação entre o que o aluno já sabe e aquilo que ele está aprendendo. Essa prática limita e/ou inibe o desenvolvimento cognitivo do educando, pois para esse a aprendizagem não é significativa (GUIMARÃES, 2009).

No Brasil, a educação básica é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1998, 2018), que prevê no Art. 32º inciso-III o objetivo do ensino fundamental, como sendo a formação básica do cidadão, pelo “desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores”. Ainda segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, lei nº 9.394/1996), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica - deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das unidades federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de educação infantil, ensino fundamental e médio em todo o Brasil. A LDB estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a LDB soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Assim, as estratégias usadas para o ensino em geral devem sofrer uma reflexão crítica (CARMO & SCHIMIN, 2008), incluindo a zoologia, abordada na educação básica nas disciplinas de Ciências e Biologia (BRASIL, 1998). Aulas dinâmicas que submetam o aluno à exposição cultural, demonstrando que a produção do conhecimento científico e tecnológico constitui uma atividade humana, social e historicamente determinada (VIECHENESKI *et al.*, 2012), são fatores essenciais para que o ensino de Ciências alcance seu verdadeiro propósito. Deve-se priorizar métodos que incentivem os estudantes a buscar informações e, a partir dessas, construir suas ideias e conceitos, tornando-se assim protagonista na construção do seu conhecimento (PINHEIRO *et al.*, 2007).

Saindo da educação formal e indo para o campo da educação informal – que se processa fora do espaço escolar e desenvolve-se no dia a dia do jovem através de conversas entre familiares, colegas e amigos, podendo ocorrer em qualquer lugar (MAARSCHALK, 1988; FERREIRA *et al.*, 2003) –, mas ainda sobre o ensino de Ciências, essa precisa ser incorporada no cotidiano de todos. E a educação informal parece ser o melhor caminho para atingir tal meta. Os meios de comunicação em massa, na medida em que incluírem a educação científica em suas agendas de divulgação, certamente poderão oferecer ajuda de grande alcance na dispersão do conhecimento científico (WERTHEIN & CUNHA, 2009).

FREIRE (2010, 2011), ao refletir sobre o papel do educando e do educador, afirma que, por um lado, o educador passa a ter o papel de “problematizador”, encorajando o educando a desenvolver hipóteses, testar suas ideias e a dos outros, criar conexões entre áreas de conteúdos, explorar problemas e questões de relevância pessoal já existentes ou emergentes. Por outro lado, o educando passa a ser envolvido em seu próprio processo de aprendizagem, tornando-se um sujeito ativo e não mais passivo como outrora. Para isso, faz-se necessária a formulação de práticas educativas que propiciem uma atmosfera de ensino agradável e que motivem o educando, estimulando-o a aprender e, acima de tudo, participar ativamente de seu processo de aprendizagem.

Pode-se definir lúdico como um jogo, brincadeira, divertimento ou prazer. A ludicidade é uma alternativa plausível que pode ser usada pelos educadores para despertar o interesse dos discentes e



motivá-los de formas diversas, de modo a tirá-los de uma atitude passiva em sala de aula e aproximá-los do professor (SOARES & GARCEZ, 2015). É também através do lúdico que aparece a transição da ação imaginativa (simbólica), por meio da ligação entre o faz de conta e a encenação de situações da vida real por meio de motivações espontâneas, constituindo assim o mais alto nível de desenvolvimento do indivíduo (SANTOS *et al.*, 2005).

O lúdico representa uma técnica facilitadora no processo de aprendizagem, pois auxilia os estudantes na elaboração de conceitos e na criatividade ao tratarem determinado assunto. MESSEDER NETO (2016) ressalta a relevância que a aplicação do lúdico possui no ensino de conteúdos científicos, mas atenta para o fato de que o educador, ao utilizar uma atividade lúdica em sala de aula, precisa estar consciente de que seu objetivo é fazer o aluno migrar do interesse pela atividade para o estudo, pois, ao fim do processo, a motivação deve ser pelo conteúdo abordado e não pela atividade lúdica que o introduziu.

Considerando ainda a motivação no ensino, outra alternativa eficiente seria o uso de elementos da cultura pop (ou seja, uma linguagem de apelo popular), no sentido de tornar as aulas mais agradáveis e palatáveis, mas sem abrir mão do conteúdo técnico (MENDONÇA, 2008; DA-SILVA *et al.*, 2014). No contexto das aulas de Ciências, os saberes populares podem ser usados como ferramenta de motivação para o ensino de conceitos científicos (DELLA MONICA, 1989) e dentre esses saberes está o folclore.

Entende-se como folclore as manifestações da cultura popular que caracterizam a identidade social de um povo. O folclore pode ser manifestado tanto de forma coletiva quanto individual e reproduz os costumes e tradições de um povo transmitidos de geração para geração. Sendo assim, todos os elementos que são parte da cultura popular e que estão enraizados na tradição desse povo são parte do folclore. E suas manifestações se dão por meio de canções, danças, artesanatos, festas populares, brincadeiras, jogos, mitos, lendas, etc. (BRASIL ESCOLA, 2023). Uma vez que o folclore engloba mitos e lendas, então religião não é folclore, mas há folclore a partir das religiões. Exemplo disso é a influência católica, tão forte, advinda dos portugueses e pela qual incorporamos por aqui várias tradições (COSTA, 2023).

A relação entre religião e folclore fica cada vez mais íntima pelo fato de que, individualmente e ao mesmo tempo coletivamente, cada pessoa e região têm seus costumes e crenças. Pode-se dizer que a inteiração do folclore com a religião acontece em virtude da diversidade cultural. Religião também é cultura, além de costumes e instituições de um povo, já que diz respeito à identidade cultural (LIMA, 2011).

Portanto, este estudo busca apresentar ideias que justifiquem o uso da festividade religiosa Páscoa como ferramenta para o ensino-aprendizagem nos campos de Ciências ou Biologia, nos ensinamentos fundamental, médio e não-formal, estabelecendo a relação entre a interpretação de situações específicas da entrega dos ovos de Páscoa com os assuntos relacionados a zoologia e ecologia. A pesquisa foi feita utilizando como base documentos, websites e reportagens sobre o assunto abordado. Uma versão preliminar deste estudo foi apresentada na IV MOSTRA DE BIOLOGIA CULTURAL – DA QUARESMA À PÁSCOA (GRAÇA & DA-SILVA, 2020).

Festas santas, bichos santos? Nem sempre!

Honrar deuses por meio de festas existe em todas as sociedades e em todos os tempos e, para isso, dias especiais são reservados. Esses festejos especiais estavam ligados ao povo, preponderantemente agrícola, e aos deuses adotados nas cidades. Portanto, existiam as festas dos campos, a do trabalho, a das sementeiras, a das vindimas e outras. Cada acontecimento na vida do agricultor possuía uma conotação religiosa. A religião regulava tudo. Da plantação à colheita. Acontecimentos da vida familiar e a relação do indivíduo também eram festejados, existindo também a festa da família, da estirpe, etc. (HACKMANN, 2006).

Duas festas religiosas foram trazidas pelos antepassados de Israel e introduzidas no mundo



civilizado: o sábado e a Páscoa. Enquanto o sábado era um dia sagrado aonde decisões importantes e o labor deveriam ser suspensos, a Páscoa era originalmente celebrada na busca da preservação dos rebanhos pelos demônios nocivos. O que, segundo HACKMANN (2006), foi alterado mais tarde, recebendo outro significado, o da comemoração da saída do povo do Egito com a ajuda de Deus, segundo o livro do Êxodo.

Nem só de rebanhos de ovelhas e cardumes de peixes é feita a fauna presente nas celebrações religiosas e, segundo PARISH (2019), a capacidade dos animais de transmitir significados, seja sagrado ou profano, aparece com destaque na dialética do conhecimento natural e das histórias sagradas. O interesse em conhecer os animais não apenas na escola, mas também no meio em que vive, como cidadão, possui como ciência fundamental a zoologia, cuja abordagem se refere à diversidade animal e às suas definições. Ainda que estejamos cercados por animais em nosso cotidiano, existe pouco conhecimento formal a respeito (SANTOS & BONOTTO, 2012). Para muitos brasileiros, o único contato científico com os animais se dá apenas na escola. Diante dos desafios vivenciados na educação, é necessário que o ensino propicie aos estudantes ferramentas para a aplicação dos conhecimentos em seu cotidiano, sobretudo quando se considera o ensino de Ciências e Biologia, área primordial para a formação cidadã (AZEVEDO *et al.*, 2022).

No ensino de zoologia, algumas abordagens são utilitaristas, com os animais sendo estudados por preceitos econômicos (ROCHA & SILVA, 2013). Diante desse quadro, é importante levantar reflexões sobre possíveis abordagens substitutas, não nocivas, que auxiliem no processo de construção do conhecimento do aluno sobre os animais. Uma dessas possíveis abordagens é a zoologia cultural, que é o estudo das manifestações de animais em meio sociocultural, interagindo indiretamente por meio de HQs, filmes, desenhos, etc. (DA-SILVA *et al.*, 2014). Esse tema atualmente vem sendo estudado por zoológicos e educadores, ganhando certo destaque (COELHO, 2004).

Para DA-SILVA & COELHO (2022), os estudos no campo da zoologia cultural (DA-SILVA & COELHO, 2016) apresentam diversas possibilidades de aplicação prática, especialmente no ensino, na divulgação científica e na preservação da biodiversidade. Algumas celebrações religiosas, além da Páscoa, que possuem como personagens a fauna, com um pouco de criatividade por parte do educador, podem contribuir com a difusão de conhecimento nesses campos.

A criatura de canto melodioso e peito de tom laranja-ferrugíneo é um personagem importante tanto do Natal quanto da Páscoa. A ave conhecida como pisco-de-peito-ruivo, *Erithacus rubecula* Linnaeus, 1758 (Passeriformes: Muscicapidae), é tida como tendo acompanhado Jesus de Nazaré em ambas as festividades – no dezembro frio, ajudou Maria a manter a fogueira acesa, enquanto boi, carneiro e burro dormiam, aquecendo um Jesus bebê e sua mãe; na data pascal, consolou Cristo durante sua crucificação. A coloração característica de seu peito possui ligação com os dois eventos citados. No primeiro, ao bater as asas para manter a fogueira acesa, faíscas atingiram o peito da ave, que ficou com o peito chamuscado, avermelhado. No segundo, acabou manchando seu peito com o sangue do Salvador, vindo daí a sua cor (DA-SILVA & COELHO, 2020).

No Nepal, existe a festividade religiosa chamada *Gai Jatra*. O festival é celebrado em homenagem aos entes queridos que morreram no ano anterior. É um dos feriados religiosos mais populares, sendo realizado todos os anos em agosto ou setembro. Famílias que perderam um parente no ano anterior conduzem em procissão uma vaca (ou uma criança vestida de vaca, se não for possível encontrar uma vaca) pela rua da aldeia. A vaca (*Bos sp.* – Artiodactyla: Bovidae) é um dos animais mais reverenciados no hinduísmo e os participantes acreditam que o animal ajudará a levar o falecido membro da família para a vida após a morte (GEILING, 2014).

Mas nem só personagens fofos e gentis aparecem nas festividades e celebrações religiosas. Nos contos das tradições religiosas, existem alguns personagens interessantes, e nem tão bonzinhos assim, e que, por terem alguma referência a fauna, também podem resultar em interessantes artigos e resumos.

Na Europa central, existe o ser conhecido como Krampus (Figura 1B). Uma criatura metade



demônio, metade cabra, que, ao contrário do Papai Noel, pune as crianças mal criadas. Acredita-se que Krampus tenha origens na Alemanha, e seu nome deriva da palavra germânica *Krampen*, que significa garras (TIKKANEN, 2020).

No País de Gales, outro animal possui uma participação natalina macabra, o cavalo (*Equus ferus caballus* Linnaeus, 1758 – Perissodactyla: Equidae) - ou sua fêmea, melhor dizendo. A égua esquelética Mary Lwyd (Figura 1A) vem do mundo dos mortos para vagar pelas ruas junto a seus assistentes – que também poderiam fazer parte de filmes pós-apocalípticos. Essa criatura zumbi assume forma de um ventríloquo vestido com a cabeça equina e uma capa branca, e, nas noites de Natal, desafia os moradores para duelos de rimas em uma aposta macabra para convencê-los a permitir sua entrada nas casas: quando Mari Lwyd ganha a aposta, os perdedores têm que deixar que a criatura entre em suas casas e as consequências não são nada agradáveis (GRAÇA *et al.*, 2020).



Figura 1. A - Mari Lwyd, égua esquelética. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mari_Lwyd_%28wiki%29.jpg (modificado), foto de R. Fiend. B - Krampus, o antagonista do Papai Noel, meio cabra meio demônio. Fonte: <https://www.publicdomainpictures.net/pt/view-image.php?image=550493&picture=krampus-n7> (adaptado).

A tradição dos ovos de Páscoa para além da família Leporidae

A Páscoa é uma festividade religiosa e um feriado cristão em que se celebra a ressurreição de Jesus Cristo, ocorrida três dias após sua crucificação no Calvário, conforme o relato bíblico do Novo TESTAMENTO. A data da celebração varia de março a abril, dependendo do equinócio de março, sendo a principal festividade do ano litúrgico cristão e também uma das mais antigas e importantes festas cristãs (BODA & SMITH, 2006; GAMMAN & BINDON, 2014).

Pessoas em todo o mundo se reúnem nesse notório feriado para comemorar a religião, que inclui diversos costumes pascais bastante variados entre os cristãos e não cristãos, como a caça ou troca de ovos de Páscoa. A caça aos ovos de Páscoa – segundo alguns autores sendo originalmente uma tradição pagã – consiste em encontrar ovos escondidos por um mítico representante da família Leporidae (Lagomorpha), o famoso Coelho da Páscoa. No passado, na atividade eram utilizados ovos de galinha pintados (LIMA, 1971), mas, na modernidade, o costume consiste em trocar ovos de chocolate, o que não muda a dificuldade em se imaginar a relação entre um mamífero lagomorfo antropomorfizado e os ovos.

Mas como ocorre a ligação entre o milagre da ressurreição de Jesus Cristo e o milagre de um



coelho bípede pondo, incubando e escondendo uma ninhada de ovos de chocolate nos arredores das casas? Conectar os ovos com a Páscoa e a ressurreição de Jesus é relativamente simples: resumidamente os ovos representam fertilidade e vida há muito tempo. Jesus e especificamente a sua ressurreição são também um símbolo de vida, a vida eterna que é concedida a quem nele crê. Segundo LIMA (1971),

“O ovo é vida, pois dele sai o pintinho e o passarinho. É o símbolo da volta de Jesus à vida. (...) O pintinho quando nasce está dentro do ovo quebrando-o ele passa a existir. Como Nosso Senhor morreu, o ovo de Páscoa é o símbolo da sua ressurreição. Simboliza a ressurreição, pois o ovo, parecendo uma coisa morta, contém na verdade uma vida que termina e surge. (LIMA, 1971: 33-34)”.

Alguns historiadores atribuem o surgimento da imagem do ovo e do coelho na Páscoa às raízes do feriado nas celebrações da fertilidade na primavera.

Como muitos feriados, a Páscoa coincide com a mudança das estações. Embora a data exata mude ano a ano, a Páscoa sempre cai perto do equinócio vernal do Hemisfério Norte - o dia que marca o início da primavera e o início de seis meses gloriosos, quando a luz do dia supera a noite. Nos meses cada vez mais quentes e ensolarados que se seguem, as plantas florescem, os animais emergem da hibernação e ocorre muita reprodução comemorativa. De acordo com alguns estudiosos, a Páscoa na verdade recebeu o nome de um festival pagão da primavera chamado *Ostara*, realizado todos os anos para homenagear a deusa da fertilidade, *Ēastre* ou *Eostre* (SPEKTOR, 2018). Porém, para outros estudiosos, essa teoria não tem base na história e a existência de uma deusa chamada *Ēastre* ou um festival de primavera em sua homenagem é baseada em pura conjectura (WINICK, 2016; SWISS CLUB OF NEW SOUTH WALES, 2017). O máximo que se pode dizer é que a palavra Páscoa provavelmente está relacionada com a palavra leste (*ost*, em alemão) e que os saxões tinham um mês que chamavam de *Eosturmononath* (SWISS CLUB OF NEW SOUTH WALES, 2017).

Os ovos são um símbolo de fertilidade há milhares de anos e são decorados na Páscoa pelo menos desde os tempos medievais. Seu status como símbolo da nova vida (e, portanto, da ressurreição de Jesus) é, assim, facilmente compreendido.

Outra conexão dos ovos com a Páscoa é que durante a Quaresma, os cristãos não podiam consumir produtos de origem animal. Mas as galinhas continuavam a botar ovos – portanto, as pessoas tinham muitos ovos que não podiam comer até a Páscoa. Em vez de jogar os ovos fora, elas os ferviam para guardá-los e, quando chegava a Páscoa, tinham uma bela coleção de ovos cozidos.

As lebres também são conhecidas por sua reprodução prolífica - às vezes pelas razões erradas. Na Grécia Antiga, por exemplo, escritores como Plínio e Plutarco estavam convencidos de que as lebres eram hermafroditas, capazes de mudar de gênero mês a mês. Uma outra curiosidade ligada ao comportamento reprodutivo das lebres é um fenômeno chamado superfecundação – o que significa que as mães podem conceber uma segunda ninhada enquanto ainda estão grávidas da primeira – e que, no passado, acreditava-se que as lebres eram capazes de se autofecundar, dando-lhes uma associação incomum com o nascimento virginal. Tal fato se reproduz na arte, começando na época do Renascimento, quando coelhos e lebres começaram a aparecer como símbolos comuns de fertilidade e pureza em pinturas religiosas (SPEKTOR, 2018) (Figura 2).

Em uma coleção de ensaios médicos publicados na Alemanha, em 1682, aparece a primeira menção registrada da Lebre da Páscoa (Figura 3). A ROYAL SOCIETY afirma que um dos ensaios mais estranhos nessa coleção é uma dissertação de 16 páginas sobre ovos de Páscoa. A coleção foi escrita por um jovem médico alemão e aficionado por teologia chamado Johannes Richier, que, em sua dissertação, descreveu um personagem regional do oeste da Alemanha chamado Osterhase - também conhecido como "Lebre da Páscoa" - que chocava e escondia ovos coloridos para crianças (e adultos crédulos) acharem ao redor de suas casas e jardins no Domingo de Páscoa. A dissertação de Richier foi escrita como um alerta de saúde para a sociedade a respeito da Lebre da Páscoa e seus ovos: "Os jovens



geralmente perdem a saúde com esses ovos de Páscoa", escreveu Richier em uma passagem traduzida pela ROYAL SOCIETY, "porque eles engolem avidamente os ovos sem sal, manteiga ou qualquer outro sabor", resultando em dores de barriga desagradáveis (GANNETT/GRATEFUL VENTURES, 2019).



Figura 2. Tela "Madona do coelho", de Ticiano (em 1530), com um coelho que representa a pureza e a autofecundação. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ticiano#/media/Ficheiro:Tizian-Madonna_mit_dem_Kaninchen.jpg.



Figura 3. Lebre da Páscoa pintando ovos para crianças, imagem histórica de 1894. Fonte: <https://www.housebeautiful.com/lifestyle/a35605452/easter-bunny-origins/> (adaptado).



Apesar da observação de Richier, a Lebre da Páscoa continuou a brilhar e, de acordo com a NATIONAL GEOGRAPHIC (2018), sua fama logo cruzou o Oceano Atlântico com colonos alemães com destino à Pensilvânia. Conforme a curiosa lenda se espalhava, crianças ansiosas construía-ninhos aconchegantes para saudar a lebre chocadora de ovos; eventualmente, a lebre se tornou um coelho (sim, são bichos diferentes!) e os ninhos evoluíram para os ancestrais de nossas cestas de Páscoa modernas. Mas como o coelho tomou o lugar da lebre na entrega dos ovos?

A origem da associação entre coelhos e Páscoa não é clara, embora eles tenham uma conexão amplamente divulgada com a Quaresma. LAURITSEN *et al.* (2018) afirmam que, de acordo com alguns historiadores como NACHTSHEIM (1949), ZEUNER (1963) e CLUTTON-BROCK (1981), a humanidade iniciou a domesticação de coelhos por monges franceses que receberam uma dispensa especial para comer *laurices* (coelhos fetais ou recém-nascidos não eviscerados) durante a Quaresma.

O fato das *laurices* ou fetos de coelhos terem origem no ambiente “aquoso” do útero, supostamente, foi responsável por os tratarem como peixes ao invés de carne (SYKES & CURL, 2010). Essa iguaria incomum era conhecida desde os tempos romanos e foi descrita por Plínio, o Velho, no século I D.C, como um “alimento mais delicado”. Atribui-se a conexão entre *laurices* e a Quaresma ao bispo e historiador, São Gregório de Tours, que documentou um caso isolado em que um criado do rei Chilperico I comeu *laurices* durante a Quaresma, pouco antes de sua morte (LAURITSEN *et al.*, 2018.) Segundo Lauritsen *et al.* (2018), esse relato incidental foi mal traduzido por NACHTSHEIM (1949), que descreveu a prática como “especialmente popular”. O erro de Nachtsheim foi repetido e progressivamente enfeitado por estudiosos seguintes, levando finalmente a alegações de que o Papa Gregório Magno concedeu um edito papal permitindo seu consumo durante a Quaresma (CARNEIRO *et al.*, 2011). O fato é que não se tem evidências de que coelhos já foram considerados “peixes”, ou que, devido a isso, existiu qualquer dispensa durante a Quaresma e nem que a prática já foi algo comum; a ligação entre coelhos e Quaresma parece ser uma associação mal feita dos acadêmicos do século XX (IRVING-PEASE *et al.*, 2018).

A ligação entre o coelho, os ovos e a Páscoa deve existir também devido à capacidade reprodutiva desse, similar à da lebre. Além disso, o fim da Semana Santa corresponde aproximadamente ao fim do inverno nórdico e início da primavera, época em que os coelhos saem da toca, levando, nas palavras de LIMA (1971), “alegria e nova vida a todos os lares”. De qualquer maneira, muitas crianças (e adultos) mal podem esperar que a criatura mais famosa da Páscoa chegue e esconda ovos de chocolate ou traga cestas cheias de guloseimas, o famoso Coelhozinho da Páscoa. Curiosamente, e de pouco conhecimento do público, nem sempre é o lagomorfo o responsável pela entrega e por esconder os doces e ovos, ou pelo menos não era o único que se envolvia em tais questões. Tais delícias de chocolate nesta época são entregues ao redor do mundo por diferentes animais.

Bilby

A Austrália possui o marsupial da Páscoa, o bilby, pertencente ao gênero *Macrotis* Reid, 1837 (Peramelemorphia: Thylacomyidae), composto por apenas duas espécies – uma ameaçada de extinção (*Macrotis lagotis* Reid, 1837) (Figura 4) e a outra extinta na década de 1960 (†*Macrotis leucura* Thomas, 1887). O bilby-grande (*M. lagotis*) é endêmico da Austrália (BURBIDGE & WOINARSKI, 2016) e muito de sua ameaça à extinção é devido ao impacto de espécies carnívoras introduzidas, que se tornam predadores, e espécies herbívoras introduzidas, que degradam o seu habitat (BRADLEY *et al.*, 2015). O bilby-pequeno (†*M. leucura*), foi visto pela última vez em 1931 e é considerado extinto (BURBIDGE & WOINARSKI, 2016), supostamente por culpa do coelho-europeu (BELLARD *et al.*, 2016).

O bilby tem um focinho caracteristicamente longo, como todos os integrantes da família, e orelhas grandes, que lembram as de coelhos (GROVES, 2005). Tal semelhança, aliada à antipatia local em relação aos coelhos, um animal invasor nos ecossistemas australianos, inspiraram na Austrália essa adaptação: ao invés do Coelhozinho da Páscoa, eles têm o Bilby da Páscoa, que visa também sensibilizar as



crianças para a proteção da espécie remanescente de *Macrotis* (Figura 5). A marca social Bilby da Páscoa foi criada como um competidor para o popular Coelho da Páscoa na Austrália. Naquele país, o coelho é uma espécie exótica invasora e causa diversos problemas à biodiversidade local (VERÍSSIMO, 2017). Assim, ao investigar o valor do Bilby da Páscoa enquanto marca, tanto para o cliente como em termos financeiros, VERÍSSIMO (2017) afirma que, na década de 1980, o marsupial australiano endêmico foi idealizado como um novo símbolo da Páscoa e, aparentemente, a ideia vem dando certo, com a ajuda dos envolvidos como mídia e fabricantes de chocolate.



Figura 4. Bilby-grande, o marsupial da Páscoa, do qual restam apenas 9.000 exemplares na natureza. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Greater_Bilby_%28Macrotis_lagotis%29_%289996456685%29.jpg, foto de Bernard Dupont.



Figura 5. A – O bilby possui certa aptidão carismática. Fonte: Meet the Australian bilby (Twitter, adaptado). **B** - Os conservacionistas querem que os consumidores da Páscoa comprem bilbies de chocolate ao invés de coelhos. Fonte: <https://www.abc.net.au/news/2022-04-12/will-bilbies-bounce-bunnies-off-supermarket-shelves-this-easter/100976200> (adaptado).



Raposa

Em algumas partes da Alemanha, as crianças aguardam por um representante da espécie *Vulpes vulpes* Linnaeus, 1758 (Carnivora: Canidae) (Figura 6) para a entrega dos ovos, a Raposa da Páscoa. Não é muito claro como a raposa foi associada à Páscoa e aos ovos de Páscoa. Alguns pensam que a Raposa da Páscoa (*Osterfuchs*, em alemão) é relacionada a *Pfingstfuchs* (Raposa de Pentecostes). No dia de Pentecostes (*Pfingsten*, em alemão), uma celebração religiosa cristã que comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo 50 dias após a ressurreição, as pessoas iam de casa em casa, às vezes cantando, com uma raposa (morta ou na coleira) e pediam doação (WOESTE, 1948). Eles normalmente recebiam ovos (*Pfingsteier*, em alemão) porque não havia mais nada para dar. Tudo o que foi guardado durante o inverno se foi, a época da colheita ainda não havia chegado, os frutos das árvores ainda não estavam maduros, mas os ovos sempre estavam disponíveis. Esse costume era realizado principalmente por homens jovens que iam de porta em porta, especialmente onde moravam mulheres solteiras.

A teoria da Raposa de Pentecostes vai junto ao fato de que a raposa foi associada ao deus nórdico de barba ruiva Thor, que, na Alemanha, é conhecido por Donar. *Thursday*, o termo em inglês para quinta-feira, é uma referência a Thor, assim como a palavra que se refere a esse dia da semana em alemão, *Donnerstag* (o nome rúnico de Thor é Þórr/Donar), por causa da cor vermelha de sua pelagem. A tradição de Pentecostes pode ter surgido de um culto sacrificial em torno de Thor.

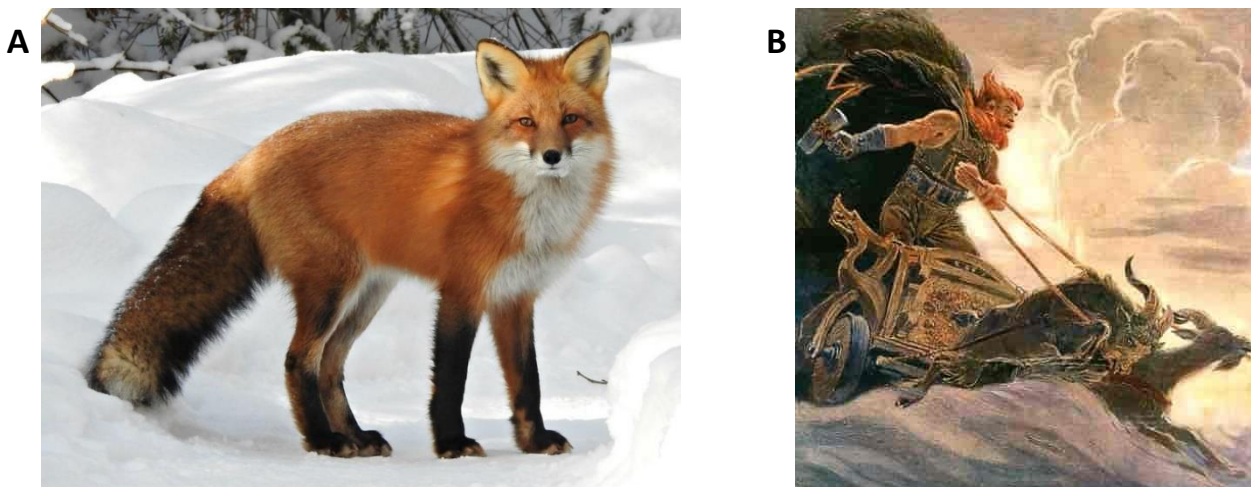


Figura 6. A - Raposa com sua característica pelagem, associada à barba ruiva do deus Thor ou sua versão alemã, Donar. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vulpes_vulpes_ssp_fulvus.jpg, foto de Joanne Redwood. B - Donar, nome alemão para o deus germânico do trovão em sua carruagem puxada por duas cabras. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_painting_by_Max_Friedrich_Koch_-_Donar-Thor.jpg.

A coloração de ovos é mencionada nos primórdios e pode ser encontrada em diversas culturas, não apenas nas cristãs. Nos dias atuais há cores artificiais para o tingimento dos ovos, mas antes eles eram tingidos pelas pessoas com materiais naturais. Cascas de cebola podiam ser usadas no tingimento e davam aos ovos uma cor castanho-avermelhada, vejam só, similar à da raposa! Esses ovos, às vezes eram chamados de *Fuchsei* (ovo de raposa) (RIEPER, 2021).

Cegonha

Ainda na Europa, em partes da Alemanha e Noruega, são as aves pernaltas da espécie *Ciconia ciconia* Linnaeus, 1758 (Ciconiiformes: Ciconiidae), as populares cegonhas-brancas, que entregam os ovos de Páscoa (BRYCE, 2018). A relação entre tal ave e a Páscoa não foi encontrada no levantamento de dados do presente artigo, mas uma provável ligação é o folclore envolvendo a cegonha e a entrega de bebês (Figura 7).





Figura 7. Ilustração de cegonhas recolhendo bebês humanos para serem entregues às famílias. Fonte: <https://pixabay.com/vectors/stork-baby-deliver-pregnant-infant-4448608/>.

É provável que tal lenda tenha se originado na Europa, onde as cegonhas passam a época de reprodução e partem para seu padrão de migração. Durante a era pagã, que remonta pelo menos aos tempos medievais há mais de 600 anos, era comum os casais se casarem durante o solstício de verão anual, porque tal estação estava associada à fertilidade. Ao mesmo tempo, as cegonhas começariam sua migração anual, voando da Europa para a África, retornando na primavera seguinte, exatamente nove meses depois (BRYCE, 2018). "As cegonhas migravam e depois voltavam para ter seus filhotes na primavera, na mesma época em que muitos bebês nasciam", afirmam CHADD & TAYLOR (2016), autores de *BIRDS: MYTH, LORE AND LEGEND*. Assim, as cegonhas tornaram-se emissárias de uma nova vida, provocando a ideia fantasiosa de que traziam bebês. E uma lenda nasceu!

Outra curiosidade é que, em várias mitologias, as cegonhas também são símbolo de fidelidade e casamento monogâmico, pois acredita-se que elas acasalam por toda a vida. Na verdade, elas não acasalam por toda a vida, mas tendem a voltar aos mesmos ninhos todos os anos e geralmente acasalam com o mesmo parceiro (UPTON, 2013). "As aves são grandes e brancas - ligadas à pureza - e seus ninhos são grandes, proeminentes e próximos de onde as pessoas vivem. Portanto, seu bom comportamento parental é altamente evidente" (CHADD & TAYLOR, 2016). Embora possa não haver uma conexão direta entre cegonhas e ovos de Páscoa, é possível que esses dois símbolos tenham sido combinados em algumas culturas ou tradições para criar uma associação única.

Cuco

A segunda ave envolvida com a entrega de ovos de Páscoa, o cuco, apesar de ser confirmada no mito em informações de sites, como, por exemplo, no SWISS CLUB OF NEW SOUTH WALES (2014), é negada por DOUBLEYEWJAY (2016), que afirma que dois nativos de Lucerna, Suíça, esclareceram que o Cuco da



Páscoa não é realmente algo daquele país. De qualquer forma, encontra-se na internet informações a respeito de que, em algumas localidades suíças, o ofício de entregar os ovos é cumprido pela ave *Cuculus canorus* Linnaeus, 1758 (Cuculiformes: Cuculidae) (Figura 8), que é símbolo de crescimento e renascimento no local, exatamente o berço de origem dos famosos relógios cuco.

A



B



Figura 8. A – Exemplar de cuco. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Common_Cuckoo_by_Mike_McKenzie.jpg, foto de Mike McKenzie. **B** - Filhote de cuco parasitando o ninho de um rouxinol-pequeno-dos-caniços, *Acrocephalus scirpaceus* (Hermann, 1804) (Passeriformes: Acrocephalidae), que o alimenta como seu. Fonte: https://snl.no/parasittiske_gj%C3%B8ker, foto de Harald Olsen.

Por lá, as crianças enchem suas cestas na manhã de Páscoa caçando ovos coloridos deixados pelo Cuco da Páscoa. Ovos de Páscoa, cucos e cestas são uma parte vital das celebrações da Páscoa na Suíça, usados em todos os lugares para realçar seu espírito. Cucos de chocolate, ovos coloridos e bolos especiais de Páscoa são exibidos uma semana antes da festa, para lembrar as pessoas, principalmente as crianças, da festa que se aproxima (SWISS CLUB OF NEW SOUTH WALES, 2017; SUPERIOR AG, 2020; GOOD HOUSE KEEPING, 2023; JOHNSON, 2024).

O cuco marca a passagem de uma nova era e identifica a regeneração da natureza. Na tradição grega, o cuco está intimamente relacionado à primavera. Quando o tempo esfria, o cuco deixa a Grécia, migrando para áreas mais quentes, e retorna na primavera. A época da Páscoa, quando é primavera no Hemisfério Norte, coincide como período de reprodução do cuco, quando as fêmeas, ao invés de construírem um ninho próprio, depositam seus ovos nos de outras aves insetívoras, que ficam com a tarefa de cuidar do hóspede até a independência. Sim, o cuco é uma ave parasita que, ao depositar seu ovo, dá um jeito de descartar um do ninho hospedeiro, para que os pais adotivos não percebam a diferença. E, ao nascer, o pequeno cuco costuma eliminar os seus irmãos adotivos, afim de garantir a atenção exclusiva de seus novos pais. Assim, biologicamente falando, os cucos, de fato, doam ovos – mas ao mesmo tempo também retiram os dos outros.

Retornando à Ostara e aos coelhos e lebres

Lembram quando citamos sobre alguns estudiosos remeterem a Páscoa a um suposto festival pagão da primavera em homenagem à deusa *Ēastre* ou *Eostre*? Pois bem, essa suposta deusa também é conhecida como Ostara, o mesmo nome do festival pagão em sua homenagem, e curiosamente algumas



fontes afirmam que a explicação para o coelho/lebre ter ligação com ovos de Páscoa está no seu mito. Apesar de não citar se a transformação foi de uma cegonha ou cuco, existem afirmações sobre uma tradição muito antiga, mas pouco conhecida, de que o coelho/lebre era originalmente uma ave. Mas, como dito anteriormente, há debates sobre se a própria Ostara existiu no reino das divindades nórdicas (WINICK, 2016). A única fonte encontrada até agora sobre a possível existência de Ostara no panteão divino nórdico remonta ao século VIII, por um escritor chamado Bede - mas existe um debate sobre se ele inventou o nome, já que não havia qualquer outra evidência de que fosse verdade. Um dos famosos irmãos Grimm, Jacob, um linguista e entusiasta do folclore alemão, levou a sério a escrita de Bede e a interpretou como correta, acreditando que Ostara era realmente adorada pelos nórdicos (FAMILY CHRISTMAS ONLINE, s/d).

Mesmo que a deusa Ostara não tenha obtido um lugar ao lado dos outros deuses nórdicos, existem evidências sobre uma celebração chamada “festa de Ostara”, com cerimônias religiosas para dar as boas-vindas à primavera e à fartura de comida que assim viria, comemorada entre o final de março e o início de abril. As evidências sobre a própria deusa aparecem em clãs germânicos, que acreditavam nos mesmos deuses e deusas nórdicos. Ostara (Figura 9) era a deusa da primavera e, por extensão, da fertilidade, que espalharia o calor primaveril pela terra, caminhando até que essa ficasse livre da geada, para então voltar para casa até o ano seguinte. A lebre era frequentemente associada à companhia de Ostara e alguns até dizem que era tão forte que podia puxar com facilidade sua carruagem, com a deusa dentro. A crença na lebre ser sua companheira existia, pois as lebres são abundantes na primavera e, quando saem da hibernação, são vistas em todos os lugares e, em seguida, diminuem no verão (DANISH CANADIAN MUSEUM, 2021).



Figura 9. A deusa Ostara voa pelos céus, cercada por feixes de luz e animais, como a cegonha e a lebre (coelho?), enquanto os povos germânicos olham para a deusa do reino abaixo. Ilustração de Johannes Gehrts (em 1884). Fonte: <https://snl.no/ostara>.

Outra narrativa exposta por Stephen WINICK (2016), escritor de longa data do *American Folklife Center* sobre a deusa alemã da primavera Ostara (também conhecida como Eostre) é a de que ela transformou uma ave em um coelho. Esse coelho tinha a habilidade única de botar ovos e também havia algo de especial nesses ovos - eles eram coloridos, como um arco-íris. Um festival era realizado a cada primavera (o festival de Ostara/Eostre) em celebração à deusa. Nesse dia, o coelho sobrenatural colocaria seus ovos coloridos para as crianças. Inspirado no nome da deusa, o festival de Ostara acabou



sendo abreviado para *Easter* (Páscoa em inglês). Essa celebração e a ressurreição de Jesus Cristo finalmente se uniram em um feriado de renovação e renascimento na primavera.

Além dos animais acima citados, apesar de poucas, são encontradas informações de que o galo, o corvo e a borboleta também estariam associados à Pascoa e à entrega dos ovos em algumas culturas, mas já que não foram encontradas mais informações e fontes a respeito, foi decidido não os adicionar nesta pesquisa.

De qualquer forma, ao contrário do que acontece na Austrália, em que o emissário do presente pascal é uma adequação recente, ao longo do tempo todas as outras narrativas de animais entregadores de ovos de Páscoa estão sendo culturalmente suplantadas pela tradição do mais famoso deles, o coelho.

Usos nas atividades de ensino

Atualmente, pesquisadores em ensino de Ciências estão cada vez mais interessados em estudos que mencionem estratégias didáticas que possam contribuir para o reconhecimento e consideração das singularidades culturais que se fazem presentes nas salas de aula. Isso porque tais reconhecimento e consideração podem assumir um papel preponderante na educação científica multicultural, na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, mesmo nas escolas pertencentes às sociedades cada vez mais globalizadas.

A Páscoa possui algumas curiosidades que podem ser aproveitadas e utilizadas como ferramentas para transmitir o conhecimento ou iniciar debates sobre assuntos que são encontrados na BNCC, tanto na educação formal quanto na informal (Tabela 1). A tradição de dar ovos de Páscoa, que também diz respeito ao folclórico Coelho da Páscoa como entregador, ainda que de pouco conhecimento do público, é feita, conforme vimos, por outras criaturas diferentes do lagomorfo em certas regiões do mundo. Isso pode contribuir na educação ambiental em diversos temas.

A respeito do personagem principal da festividade estudada, o Coelho da Páscoa, esse animal, apesar de fofinho, pode causar sérios problemas quando se transforma em espécie exótica invasora – assunto que pode ser trabalhado nas habilidades da BNCC EF02CI04, EF03CI04, EF03CI06, EF08CI07. Essa invasão foi exatamente o que ocorreu na Austrália, no ano de 1859. O latifundiário de Winchelsea, estado de Victoria, Thomas Austin, adquiriu 24 coelhos-europeus, *Oryctolagus cuniculus* Linnaeus, 1758 (Lagomorpha: Leporidae) para a prática da caça em suas fazendas, seu grande hobby. Tal hobby absolutamente questionável, para dizer o mínimo, acabou por introduzir uma espécie exótica invasora na Austrália, algo extremamente perigoso em termos ecológicos. Segundo a CDB (Convenção sobre Diversidade Biológica), entende-se por espécie exótica invasora “Toda espécie que se encontra fora de sua área de distribuição natural”. O grande risco dessa prática é que essa espécie se torne, além de exótica, invasora.

Em 1877, a população dos coelhos de Winchelsea atingiu um número tão alto, que nem mesmo a caçada que abateu 20 milhões de exemplares conseguiu diminuir sua população, que já devastava a pastagem que alimentava as ovelhas, causando prejuízos econômicos incalculáveis ao país. Em 1930, estima-se que já haviam dez bilhões de coelhos-europeus na Austrália, causando prejuízos de milhões de dólares. Até que entre os anos de 1901 e 1907, o governo australiano levantou 1.800 quilômetros de cercas para tentar conter a dispersão do orelhudo. Além disso, resolveu importar outro personagem presente nessa pesquisa, as raposas-vermelhas, caçadoras naturais de coelhos que, além de atuarem como controle biológico (técnica em que se utiliza de uma população para controlar, através do predatismo ou parasitismo, a população que se pretende diminuir, como pragas na agricultura), também seriam alvo de caças recreativas, assim como os coelhos. Só que deu tudo errado! Os coelhos tinham desenvolvido, a partir da coevolução, estratégias de defesa contra a raposa, enquanto que os animais nativos – como os famosos cangurus e coalas – não apresentavam estratégias de fuga ou de evitar a raposa, sendo severamente predados.



Tabela 1. Animais que, segundo as narrativas, entregam os ovos da Páscoa e suas respectivas características que podem servir como recurso no ensino de Ciências e sua classificação nas habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Animal entregador dos ovos da Páscoa	Assuntos e curiosidades que podem ser abordados em planos de aula, palestras e produtos educativos	Habilidade da BNCC
Coelho	- Espécie invasora em alguns locais (Austrália, por exemplo).	- EF02CI04: Descrever características de plantas e animais (tamanho, forma, cor, fase da vida, local onde se desenvolvem, etc.) que fazem parte de seu cotidiano e relacioná-las ao ambiente em que eles vivem. - EF03CI04: Identificar características sobre o modo de vida (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam, etc.) dos animais mais comuns no ambiente próximo. - EF03CI06: Comparar alguns animais e organizar grupos com base em características externas comuns (presença de penas, pelos, escamas, bico, garras, antenas, patas, etc.). - EF08CI07: Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.
Lebre	- Espécie invasora em alguns locais (Brasil, por exemplo). - Reprodução prolífica; - Superstição sobre serem hermafroditas. - Superfetação (associação com o virginal).	- EF03CI04: Identificar características sobre o modo de vida (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam, etc.) dos animais mais comuns no ambiente próximo. - EF03CI06: Comparar alguns animais e organizar grupos com base em características externas comuns (presença de penas, pelos, escamas, bico, garras, antenas, patas, etc.). - EF08CI07: Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.
Bilby	- Marsupiais. - Endêmicos. - Só existem duas espécies (uma extinta e outra em perigo de extinção). - Possibilidades de sensibilização para a proteção.	- EF07CI08: Avaliar como os impactos provocados por catástrofes naturais ou mudanças nos componentes físicos, biológicos ou sociais de um ecossistema afetam suas populações, podendo ameaçar ou provocar a extinção de espécies, alteração de hábitos, migração, etc. - EF08CI07: Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos. - EF09CI13: Propor iniciativas individuais e coletivas para a solução de problemas ambientais da cidade ou da comunidade, com base na análise de ações de consumo consciente e de sustentabilidade bem-sucedidas.
Cuco	- Parasitismo (relações ecológicas). - Lendas/simbolismos referentes à ecologia do animal (padrões migratórios).	- EF03CI07: Identificar características da Terra (como seu formato esférico, a presença de água, solo etc.), com base na observação, manipulação e comparação de diferentes formas de representação do planeta (mapas, globos, fotografias etc.). (Obs.: em muitas percepções, nessa competência pode se referir também à compreensão das interações entre os componentes bióticos - os seres vivos - e abióticos em um ecossistema, bem como esses elementos se relacionam, o que incluiria as relações ecológicas.) - EF08CI07: Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.
Cegonha	- Lendas/simbolismos referentes à ecologia do animal (padrões migratórios, ninhos). - Cuidado parental.	- EF08CI07: Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.
Raposa	- Predatismo (relações ecológicas). - Caça e domesticação de animais selvagens.	- EF07CI07: Caracterizar os principais ecossistemas brasileiros quanto à paisagem, à quantidade de água, ao tipo de solo, à disponibilidade de luz solar, à temperatura etc., correlacionando essas características à flora e fauna específicas. - EF07CI08: Avaliar como os impactos provocados por catástrofes naturais ou mudanças nos componentes físicos, biológicos ou sociais de um ecossistema afetam suas populações, podendo ameaçar ou provocar a extinção de espécies, alteração de hábitos, migração, etc.

Fonte: Produção dos próprios autores, 2023.



Sendo assim, a raposa, outro citado entregador dos ovos de Páscoa, é relacionada, além do assunto sobre espécies invasoras, ao predatismo, que diz respeito às relações ecológicas, assuntos abordados nas habilidades da BNCC EF07CI07. E ainda, por ser carregada presa em uma coleira ou morta no dia de Pentecostes pelas pessoas (WOESTE, 1948), o que demonstra que de uma forma ou de outra o animal selvagem sofreu impacto ambiental por parte dos humanos, pode-se trabalhar a habilidade BNCC EF07CI08.

A lebre-europeia, que se acredita ser a real personagem que deu origem ao Coelho da Páscoa, assim como os coelhos na Austrália, é espécie exótica que causa grandes prejuízos no Brasil (BOURSCHEIT, 2024), devastando plantações inteiras no Sul e Sudeste, assunto que as habilidades da BNCC EF03CI04 e EF03CI06 podem utilizar. Conforme reportagem da BBC NEWS BRASIL (2017), os prejuízos causados pela lebre chegam a 100% da produção em regiões de cultivo de brócolis e couve-flor, por exemplo. Plantações de citrus também amargam prejuízo alto, na casa dos 20%, segundo cálculos dos próprios agricultores. Mas, ao contrário do coelho, a lebre, também conhecida como lebrão, vem subindo o mapa do Brasil pelas próprias pernas e numa velocidade alta de dispersão - cerca de 45,35 quilômetros por ano, de acordo com artigo assinado por DE FARIA *et al.* (2015). Há registros da espécie em Minas Gerais, Goiás e no Mato Grosso do Sul. A *Lepus europaeus* Pallas, 1778 é nativa da Europa. Trazida para Argentina e Chile, visando a caça esportiva (lembram dos coelhos na Austrália?), teria proliferado pelos países vizinhos e chegado ao Brasil nos anos 1950, por meio da fronteira com o Uruguai (BBC NEWS BRASIL, 2017).

O quarto personagem desta pesquisa, o bilby, já sofreu e sofre as agruras de ter espécies exóticas invadindo seu território. Uma de suas duas únicas espécies, o bilby-pequeno (*†Macrotis leucura*), foi extinta nos anos 1950 por vários fatores, como a chegada de predadores estrangeiros à região (gato e raposa) e a competição por comida com outros animais (principalmente o coelho). A segunda espécie desse gênero marsupial endêmico da Austrália, *M. lagotis*, segundo o Dr. Laurence Barry, ecologista da vida selvagem, estava em risco de extinção por conta das mesmas raposas e gatos invasores. Mas, graças a um programa de conservação, que está reintroduzindo esses animais na natureza, após mais de 100 anos bilbies voltaram a nascer em um parque do estado de Nova Gales do Sul, na Austrália (BBC NEWS BRASIL, 2020). Portanto, as habilidades da BNCC EF07CI08 e EF08CI07, que tratam, dentre outras coisas, sobre os impactos e extinções de espécies (animal ameaçado de extinção e endêmico) e os processos reprodutivos (animais marsupiais), podem ser utilizadas pelos educadores, bem como a habilidade EF09CI13, que propõe iniciativas para a solução de problemas ambientais, uma vez que o bilby também diz respeito a estratégias de conservação, pelas iniciativas de o tornaram oficialmente o entregador de ovos de Páscoa na Austrália pelas autoridades, devido as possibilidades de sensibilização para sua proteção.

Os últimos personagens que aparecem neste trabalho, o cuco e a cegonha, ambos apresentam um significado folclórico e simbolismos referentes a sua ecologia - o cuco, em relação a seu padrão migratório, e a cegonha, por seu padrão migratório e pelas características do ninho produzido, temas tratados na habilidade BNCC EF08CI07. As cegonhas, assim como os cucos, migram anualmente, voando da Europa para áreas mais quentes, retornando na primavera seguinte. As cegonhas também tendem a voltar aos mesmos ninhos todos os anos, que são grandes e proeminentes, e geralmente levam uma vida monogâmica, acasalando com o mesmo parceiro. Já o cuco, além de simbolizar crescimento e renascimento e marcar a passagem de uma nova era e regeneração da natureza, estando intimamente relacionado à primavera, durante seu período de reprodução deposita seus ovos nos ninhos de outras aves insetívoras. Suas fêmeas, ao invés de construírem um ninho próprio, passam para outra ave a tarefa de cuidar de seu bebê hóspede até a independência. Ao nascer, o pequeno cuco elimina os seus irmãos adotivos, obtendo atenção exclusiva de seus novos pais. Esse tipo de relação ecológica desarmônica é conhecido por parasitismo. Em muitas percepções, o tema estaria incluído na competência BNCC EF03CI07, mediante a interpretação de inclusão das interações entre os componentes bióticos e



abióticos em um ecossistema (UENF, s/d), o que incluiria as relações ecológicas entre os seres vivos (sociedade, mutualismo, comensalismo, predação, parasitismo, inquilinismo e competição).

Salienta-se ainda que as observações e características acerca dos animais participantes da festividade pascal, especialmente em relação à entrega de ovos de Páscoa (Figura 10), também podem ser utilizadas por outras disciplinas além de Ciências. Uma vez que parte da fauna identificada possui ligação, dentre outras curiosidades, com mitos e histórias tradicionais, habilidades da BNCC da Língua Portuguesa, como a EF67LP28 e EF67LP30, e da Geografia, como a EF04GE01, podem se beneficiar dos resultados apresentados, sendo possível inclusive a interdisciplinaridade dessas com o ensino de Ciências.

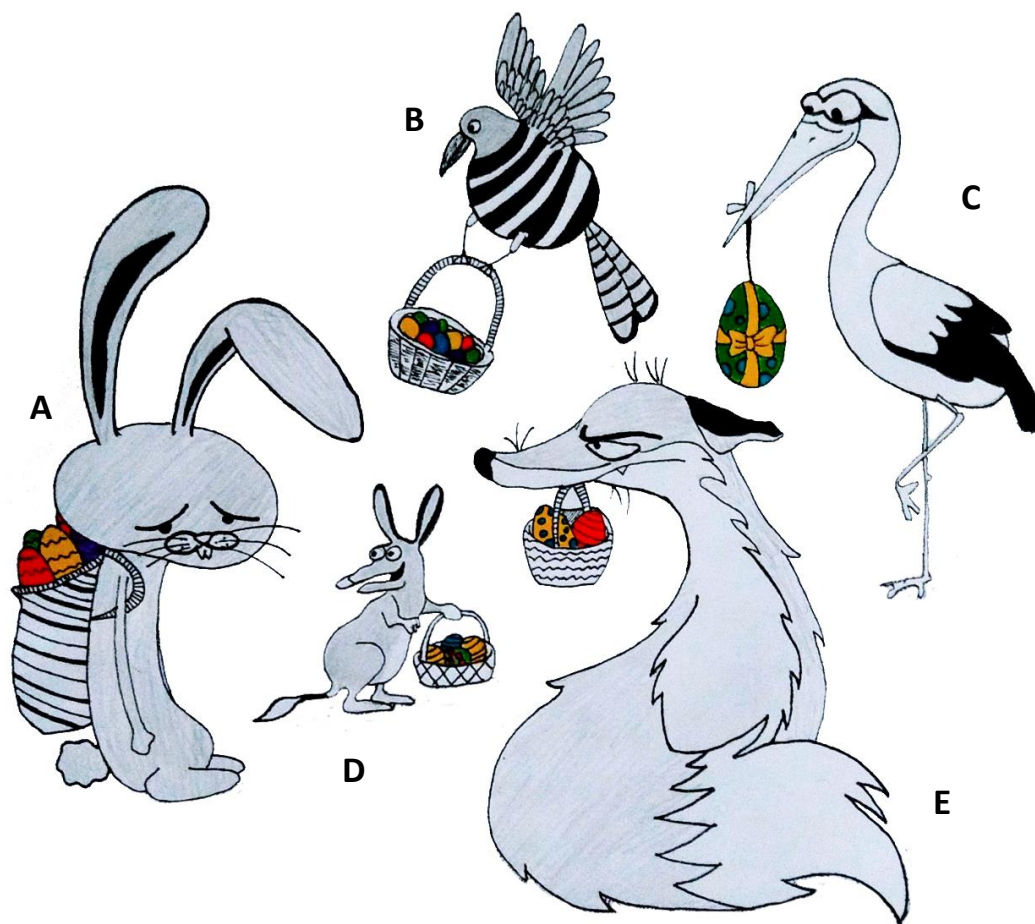


Figura 10. Os animais tidos como entregadores de ovos. A – Coelho. B – Cuco. C – Cegonha. D – Bilby. E – Raposa. Artes de Phillippe Knippel (GRAÇA & DA-SILVA, 2020).

Considerações finais

Foram identificados assuntos que norteiam o tema zoologia/seres vivos e que podem ser trabalhados por meio da festividade Páscoa, quando nesta ocorre a entrega dos ovos de páscoa. Conclui-se que tal tradição popular tem potenciais didáticos, logo, pode ser utilizada como instrumento no ensino para turmas de estudantes do ensino fundamental ou médio, e até mesmo outro público, uma vez que existe a identificação dos educandos com algo cotidiano, ainda que estes não pertençam a religião cristã, de onde surgiu o coelho entregador. A Páscoa se bem trabalhada pode ajudar o educador ambiental a enriquecer sua prática didática com situações que esclarecem questionamentos, trazem curiosidades, e fazem as aulas mais dinâmicas e o educando reflexivo, crítico e participativo, compartilhando suas ideias e assimilando temas da ciência por meio de uma tradição popular através das situações apresentadas nas diferentes formas do mesmo conto ao redor do mundo.



Referências

- AZEVEDO, H.J.C.C.; RAMOS, F.C.N.; RIBEIRO, S.A.C. & RAMOS, G.L. 2022. A Zoologia Cultural como abordagem em potencial para a educação básica. **Revista Educação Pública** 22(40): 3p.
- BBC NEWS BRASIL. 2017. **Lebres devastam plantações inteiras no Sul e Sudeste do Brasil** [on-line]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41853628>. Acesso em: 14 de março de 2023.
- BELLARD, C.; CASSEY, P. & BLACKBURN, T.M. 2016. Alien species as a driver of recent extinctions. **Biology Letters** 12: 20150623.
- BODA, M.J. & SMITH, G.T. (ed.) 2006. **Repentance in Christian theology**. Liturgical Press.
- BOURSCHUIT, A., 2024. **O Eco**. Lebrão invade o Brasil no rastro do desmatamento [on-line]. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/lebrao-invade-o-brasil-no-rastro-do-desmatamento/#:~:text=Muito%20%C3%A1gil%20e%20de%20h%C3%A1bitos,onde%20chegou%20h%C3%A1%20140%20anos>. Acesso em: 10 de março de 2024.
- BRADLEY, K.; LEES, C.; LUNDIE-JENKINS, G. *et al.* (ed.) 2015. **Greater Bilby Conservation Summit and Interim Conservation Plan: an initiative of the save the Bilby Fund**. IUCN SSC Conservation Breeding Specialist Group.
- BRASIL. 1998. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.
- BRASIL. 2018. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação.
- BRASIL ESCOLA. 2023. **Folclore** [on-line]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/folclore>. Acesso em: 07 de março de 2023.
- BRYCE, A. 2018. **Live Science**. What's behind the myth that storks deliver babies? [on-line]. Disponível em: <https://www.livescience.com/62807-why-storks-baby-myth.html>. Acesso em: 11 de março de 2023.
- BURBIDGE, A.A. & WOINARSKI, J. 2016. **The IUCN Red List of Threatened Species. *Macrotis lagotis***. [on-line]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-2.RLTS.T12650A21967189.en>. Acesso em: 10 de março de 2023.
- CARMO, S. & SCHIMIN, E.S. 2008. **O ensino da biologia através da experimentação** [on-line]. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1085-4.pdf>. Acesso em: 07 de março de 2023.
- CARNEIRO, M.; AFONSO, S.; GERALDES, A. *et al.*, 2011. A estrutura genética dos coelhos domésticos. **Biologia Molecular e Evolução** 28(6): 1801-1816.
- CHADD, W. & TAYLOR, M. 2016. **Birds: Myth, lore and legend**. Bloomsbury.
- COELHO, J.R. 2004. Insects in Rock and Roll cover art. **American Entomologist** 50(3): 142-151.
- COSTA, A. 2023. **Colecionador de Sacis**. Por que a Quaresma é o momento mais sombrio do folclore brasileiro? [on-line]. Disponível em: <https://coleccionadores.com.br/2020/03/13/por-que-a-quaresma-e-o-momento-mais-sombrio-do-folclore-brasileiro/>. Acesso em: 07 de março de 2023.
- CLUTTON-BROCK, J. 1981. **Domesticated animals from early times**. Heinemann.



- DANISH CANADIAN NATIONAL MUSEUM. 2021. **The goddess of Easter?** Disponível em: <https://www.danishcanadianmuseum.com/post/the-goddess-of-easter>. Acesso em: 14 de março de 2023.
- DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. 2016. Zoologia Cultural, com ênfase na presença de personagens inspirados em artrópodes na cultura pop. *In*: DA-SILVA, E.R.; PASSOS, M.I.S.; AGUIAR, V.M. *et al.* (ed.). **Anais do III Simpósio de Entomologia do Rio de Janeiro**. UNIRIO, p. 24-34.
- DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. 2020. Pisco: a ave que acompanhou o Messias do Natal à Páscoa. *In*: COELHO, L.B.N. & DA-SILVA, E.R. (ed.). VII Mostra de Biologia Cultural - Natal e Ano Novo: Dias melhores virão. **A Bruxa 4**(especial 6): 7-8.
- DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. 2022. Zoologia cultural e sua aplicação no ensino, na divulgação científica e na preservação da biodiversidade. *In*: Oliveira-Junior, J.M.B. & Calvão, L.B. (ed.). **Zoologia: panorama atual e desafios futuros**. Atena Editora, p. 15-26.
- DA-SILVA, E.R.; COELHO, L.B.N. & RIBEIRO SILVA, T.B.N. 2014. A Zoologia de “Sete Soldados da Vitória”: análise dos animais presentes na obra e sua possível utilização para fins didáticos. **Enciclopédia Biosfera** 10(18): 3502-3525.
- DE FARIA, G.M.M.; ROSA, C.A.; CASTRO CORRÊA, G.L. *et al.* 2015. Geographic distribution of the European hare (*Lepus europaeus*) in Brazil and new records of occurrence for the Cerrado and Atlantic Forest biomes. **Mammalia** 80(15): 1-9.
- DELLA MONICA, L. 1989. **Manual do folclore**. Global.
- DOUBLEYEWJAY. 2016. **Hey Mamalaide**. The Easter Cuckoo (or not) [on-line]. Disponível em: <https://heymamalaide.com/2016/03/29/the-easter-cuckoo/>. Acesso em: 10 de março de 2024.
- FERREIRA, H.; PINTO, M.; SALVADOR, P. *et al.* 2003. Fomentar o gosto pelas Ciências Naturais. Integração de actividades de aprendizagem formal, não formal e informal. *In*: OLIVEIRA, M.T. (ed.). **Actas do X Encontro Nacional de Educação em Ciências –Educação formal e não formal**. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, p. 388-398.
- FREIRE, P. 2010. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra.
- FREIRE, P. 2011. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra.
- FAMILY CHRISTMAS ONLINE, s/d. **Family Christmas Online**. Jacob Grimm and the Creation of Ostara [on-line]. Disponível em: https://familychristmasonline.com/other_holidays/easter/grimm.htm. Acesso em: 10 de março de 2024.
- GAMMAN, A. & BINDON, C. 2014. **Stations for lent and Easter**. Kereru Publishing Limited.
- GANNETT/GRATEFUL VENTURES. 2019. **Grateful**. The Easter bunny’s origin story is way more mysterious than we expected [on-line]. Disponível em: <https://www.makeitgrateful.com/living/celebrate/easter/easter-bunny-origin/>. Acesso em: 10 de março de 2024.
- GEILING, N. 2014. **Smithsonian Magazine**. Festivals of the dead around the World [on-line]. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/travel/festivals-dead-around-world-180953160/>. Acesso em: 09 de março de 2023.



GOOD HOUSE KEEPING. **What are the Easter Bunny's origins? The fascinating history of Easter's favorite creature.** Disponível em: <https://www.goodhousekeeping.com/holidays/easter-ideas/a31226078/easter-bunny-origins-history/>. Acesso em: 12 de março de 2023.

GRAÇA, P.K.C. & DA-SILVA, E.R. 2020. A tradição dos ovos de Páscoa para além da família Leporidae. *In*: DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. (ed). IV Mostra de Biologia Cultural - Da Quaresma à Páscoa. **A Bruxa 4**(especial 2): 1-38.

GRAÇA, P.K.C.; SODRÉ, R.F. & SANTIAGO, V.M.E. 2020. "Scary Christmas and a Happy New Fear": *Equus ferus caballus* e o horror natalino. *In*: COELHO, L.B.N. & DA-SILVA, E.R. (ed). VII Mostra de Biologia Cultural - Natal e Ano Novo: Dias melhores virão. **A Bruxa 4**(especial 6): 51-52.

GROVES, C.P. 2005. Order Peramelemorphia. *In*: WILSON, D.E. & REEDER, D.M. (ed.). **Mammal species of the World: A taxonomic and geographic reference**. 3a ed. John Hopkins University Press, p. 38-42.

GUIMARÃES, C.C. 2009. Experimentação no ensino de Química: caminhos e descaminhos rumo à aprendizagem significativa. **Química Nova na Escola 31**(3): 198-202.

HACKMANN, G.L.B. 2006. O sentido cristão das festas religiosas. **Teocomunicação 36**(154): 867-883.

IRVING-PEASE, E.K.; FRANTZ, L.A.F.; SYKES, N. *et al.* 2018. Rabbits and the specious origins of domestication. **Trends in Ecology & Evolution 33**(3): 149-152.

JOHNSON, K. 2024. **Howkapow**. What animal brings easter eggs to children in Switzerland? [on-line]. Disponível em: <https://howkapow.com/what-animal-brings-easter-eggs-to-children-in-switzerland/>. Acesso em: 10 de março de 2024.

LAURITSEN, M.; ALLEN, R.; ALVES, J.M. *et al.* 2018. Celebrating Easter, Christmas and their associated alien fauna. **World Archaeology 50**(2): 285-299.

LIMA, N.M. 2011. **Folclore e religião: uma relação conjunta** [on-line]. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/folclore-e-religiao-uma-relacao-conjunta/70743>. Acesso em: 07 de março de 2023.

LIMA, R.T. 1971. **Folclore das festas cíclicas**. Irmãos Vitale.

MAARSCHALK, J. 1988. Scientific literacy and informal science teaching. **Journal of Research in Science Teaching 25**(2): 135-146.

MENDONÇA, V.L. 2008. **O folclore como instrumento de motivação para o ensino de Zoologia na escola**. Dissertação (Mestrado em Zoologia). Universidade de São Paulo.

MESSEDER NETO, H.S. 2016. **O lúdico no ensino de Química na perspectiva histórico-cultural: além do espetáculo, além da aparência**. Prismas.

NACHTSHEIM, H. 1949. **Vom Wildtier Zum Haustier**. Alfred Metzner.

NATIONAL GEOGRAPHIC. 2018. **A origem do Coelho da Páscoa** [on-line]. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/video/tv/a-origem-do-coelho-da-pascoa#:~:text=Colonos%20alem%C3%A3es%20trouxeram%20a%20tradi%C3%A7%C3%A3o,apenas%20um%20E2%80%9Cpequeno%20E2%80%9D%20salto>. Acesso em: 10 de março de 2024.



- PARISH, H. 2019. "Every living beast being a word, every kind being a sentence": animals and religion in Reformation Europe. **Religions** 10(7): 421.
- PINHEIRO, N.A.M.; MATOS, E.A.S.A. & BAZZO, W.A. 2007. Refletindo acerca da ciência, tecnologia e sociedade: enfocando o ensino médio. **Revista Iberoamericana de Educación** 44: 147-165,
- RIEPER, A. 2021. **More than Beer and Schnitzel**. When the fox brought the Easter Eggs [on-line]. Disponível em: <https://morethanbeerandschnitzel.com/when-the-fox-brought-the-easter-eggs/>. Acesso em: 10 de março de 2023.
- ROCHA, A.L.F. & SILVA, A.F.G. 2013. Para que ensinamos Zoologia na escola? In: DUSO, L. & HOFFMANN, M.B. (ed.). **Docência em Ciências e Biologia: propostas para um continuado (re)iniciar**. Unijuí, p. 34-56.
- SANTOS, D.P.; DE OLIVEIRA, D.; ALVES, E.C.G. *et al.* 2005. **O lúdico como motivador no processo de aprendizagem na 1ª série do ensino fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental). Centro Universitário de Brasília.
- SANTOS, J.R. & BONOTTO, D.M.B. 2012. Educação Ambiental e animais não humanos: linguagens e valores atribuídos por professoras do Ensino Fundamental. **Pesquisa em Educação Ambiental (Online)** 7: 25-43.
- SYKES, N. & CURL, J. 2010. The rabbit. In: O'CONNOR, T. & SYKES N. (ed.). **Extinctions and invasions: A social history of British fauna**. Oxbow Books, p.116-126.
- SPEKTOR, B. 2018. **Live Science**. Where did the Easter Bunny come from? Ask this dead German scientist [on-line]. Disponível em: <https://www.livescience.com/62184-easter-bunny-osterhase-origins-eggs.html>. Acesso em: 09 de março de 2023.
- SOARES, M.H.F.B. & GARCEZ, E.S.C. 2017. Um estudo do estado da arte sobre a utilização do lúdico em ensino de química. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências** 17(1): 183-214.
- SUPERIOR AG. 2020. **Iconic Easter Bunny** [on-line]. Disponível em: <https://www.superiorag.com/superior-ag-blog/april-2020/iconic-easter-bunny#:~:text=Not%20every%20country%20gets%20their,where%20the%20cuckoo%20clock%20originated>. Acesso em: 12 de março de 2023.
- SWISS CLUB OF NEW SOUTH WALES. 2017. **The Easter Egg: Its history and cultural significance** [on-line]. Disponível em: <https://www.swissclubnsw.com/post/2017/04/01/the-easter-egg-its-history-and-cultural-significance>. Acesso em: 12 de março de 2023.
- TIKKANEN, A. 2020. **Encyclopedia Britannica**. Krampus [on-line]. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Krampus>. Acesso em: 09 de março de 2023.
- UENF – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE. s/d. **Terra e universo** [on-line]. Disponível em: <https://ead.uenf.br/moodle/course/view.php?id=913>. Acesso em: 10 de março de 2024.
- UPTON, E. 2013. **Today I found out**. Why storks are associated with delivering babies [on-line]. Disponível em: <https://www.todayifoundout.com/index.php/2013/05/why-storks-are-associated-with-delivering-babies/>. Acesso em: 11 de março de 2023.
- VERÍSSIMO, D. 2017. The Easter Bilby as a counter-marketing strategy for biodiversity conservation. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa** 16(3): 59-72.



VIECHENESKI, J.P.; LORENZETTI, L. & CARLETO, M.R. 2012. Desafios e práticas para o ensino de ciências e alfabetização científica nos anos iniciais do ensino fundamental. **Atos de Pesquisa em Educação** 7(3): 853-876.

WERTHEIN, J. & DA CUNHA, C. 2009. **Educação científica, desenvolvimento e cidadania. Ensino de Ciências e Desenvolvimento: o que pensam os cientistas?** Unesco, Instituto Sangari, 2009.

WINICK, S. 2016. **Ostara and the hare: Not ancient, but not as modern as some skeptics think** [on-line]. Disponível em: <https://blogs.loc.gov/folklife/2016/04/ostara-and-the-hare/>. Acesso em: 13 de março de 2023.

WOESTE, J.F.L. 1948. **Volksüberlieferungen in der Grafschaft Mark nebst einem Glosser.** Iserlohn.

ZEUNER, F.E. 1963. **A history of domesticated animals.** Hutchinson.



Publicado em 29-03-2024



A DEFESA DA BIODIVERSIDADE ESTÁ NAS NOSSAS MÃOS



Foto: Amanda Cardozo dos Santos - amanda.cardozo@edu.unirio.br